

jornal da tarde

Publicado pela S/A O ESTADO DE S. PAULO
 Av. Engº Caetano Álvares, 55 — 856-2122 (PABX) — CEP 02598
 São Paulo — SP — Caixa Postal 8005 — CEP 01051 SP — E. Telegráfico ESTADO
 Telex 011.23511 — Fax 265-2297



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

Júlio de Mesquita Neto
 Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
 Ruy Mesquita
 César Tácito Lopes Costa
 José M. Homem de Montes
 Oliveira S. Ferreira

Diretor de Unidade

Ruy Mesquita Filho
 Diretor de Redação
 Fernão L. Mesquita
 Editor Chefe
 Gelso Kijó

Diretor Superintendente

Francisco Mesquita Neto
 Diretor Comercial
 Orlando Marques
 Diretor Agência Estado
 Rodrigo L. Mesquita

5 OUT 1990

O diagnóstico dos *politólogos*

A chamada **ciência política** tem tanto de científica — ou de ciência exata — quanto a chamada **ciência econômica** que, aliás, até há algumas décadas era mais conhecida como **economia política**. Por isso, é tão divertido ouvir “cientistas” políticos analisando eventos sociais concretos e tentando explicar como e por que se produziram e que efeitos futuros terão, quanto ouvir economistas fazendo o **check-up** diário do organismo econômico nacional, diagnosticando seus males e receitando remédios com a devida previsão do que vai resultar de sua aplicação.

Neste **day after** das últimas eleições, os economistas estão em relativo recesso dando espaço, na mídia, para os “cientistas” políticos — ou **politólogos** — que não se fazem de rogados.

E desde logo pode-se fazer uma primeira constatação: se o eleitorado brasileiro se revelou perfeitamente atualizado, ou seja, demonstrou que acompanha perfeitamente a vertiginosa evolução política do mundo moderno ao apresentar-se absolutamente despidido de cogitações ou preocupações ideológicas, já a imensa maioria dos “cientistas” políticos que congestionam neste momento nossos meios de comunicação, continua presa a preconceitos e categorias totalmente desmoralizados pela revolução que alterou radicalmente o cenário político deste planeta a partir da ascensão de Mikhail Gorbatchov ao poder da União Soviética.

Se nossos cientistas políticos estivessem neste momento analisando o que passou e se passa no antigo império comunista europeu, Gorbatchov estaria sendo chamado de conservador, antiprogressista e antimudancista, e a velha **nomenklatura** do PCUS de progressistas derrotados.

Houve um grande derrotado nas eleições de quarta-feira no Brasil: o PT de Lula da Silva e da Erundina do transporte público gratis. O segundo grande derrotado foi, sem dúvida, o PSDB de Mário Covas, com toda sua prevenção contra o liberalismo. Houve, até agora, um único grande vencedor: o presidente Fernando Collor e seu **Plano Brasil Novo**.

Contrariando essa tendência generalizada

do eleitorado, houve o caso atípico da vitória de Brizola no Rio de Janeiro.

Diante desse quadro, nossos cientistas políticos em geral, com raríssimas exceções, já fizeram o diagnóstico: venceu o conservadorismo imobilista, “anti-social” e antiprogressista e foram derrotadas as forças que “desejavam as mudanças profundas”. Como conclusão lógica, a única esperança que resta de uma futura recuperação das forças “progressistas” que “desejam mudanças profundas”, é exatamente esse expoente da modernidade sócio-político-econômica que se chama Leonel de Moura Brizola, único opositor vitorioso.

Entendeu bem o leitor? Fernando Collor, em pouco mais de seis meses de governo, já fez aqui o que Mikhail Gorbatchov não conseguiu fazer em cinco anos de governo na União Soviética no seu esforço para modernizar o arcaico sistema centralizador inaugurado por Lenin há mais de 70 anos, é o conservador, antiprogressista e antimudancista. O desbaratado PT e o vitorioso caudilho das famosas “perdas internacionais” são os progressistas, os propugnadores das mudanças.

Em outras palavras, de acordo com a sabedoria de nossos **politólogos**, quem está promovendo uma verdadeira revolução no âmbito do Estado brasileiro, com uma reforma profunda visando à redução do seu tamanho, à racionalização do seu funcionamento, à sua retirada dos espaços que devem ser ocupados pela iniciativa privada, e, principalmente, à recuperação da sua eficiência nas tarefas sociais que lhe cabem precipuamente; quem está abrindo a economia nacional para que possa integrar-se na moderna economia transnacional, obrigando os empresários mais atrasados e cevados na tutela do governo a se habilitarem a competir de acordo com as regras do capitalismo ou soçobrar, é conservador.

Progressista, e voltado para as mudanças, é o PT, que tem a Siderúrgica de Volta Redonda como padrão de empresa eficiente e o Estado como **totem**, e mais o velho herdeiro de Vargas, que tem como única proposta para resolver a crise brasileira aquela, das “perdas internacionais”.